

GREGOLIN, Maria do Rosário. (Org.) *Análise do discurso: as materialidades do discurso*. São Carlos: Claraluz, 2003.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. O que querem os dicionários. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de; ARAUJO, Lucia Nascimento. *Ensaístas brasileiras: mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p.27.

HUTCHEON, Linda. A incredulidade a respeito da metanarrativas: articulando pós-modernismo e feminismos. Trad. Margareth Rago. *Labrys, Estudos Feministas*, n.12, jul.-dez. 2002. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his>>. Acesso em: 11 abril 2007.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. O tempo de silêncio e de paisagem com mulher e mar ao fundo. In: \_\_\_\_\_. *O tempo das mulheres*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

QUEIROZ, Vera. *Pactos do viver e do escrever: o feminino na literatura brasileira*. Fortaleza: 7Sóis, 2004.

RESENDE, Beatriz. *Sopro novo sobre sensações eternamente femininas*. (s. d.). Disponível em: <<http://www.paralelos.org/out03/000600.html>>.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.23-57.

SHARPE, Peggy. *Entre resistir e identificar-se*. Florianópolis: Editora UFG, 1997.

TASSIS, Christiane. *Literatura feminina: a conversa infinita*. Disponível em: <<http://www.paralelos.org/out03/000596.html>>. Acesso: 10 agosto 2006.

## Escrita do eu em tempos de comunicação e trânsitos: a voz de Valdelice Pinheiro

Maria de Lourdes Netto Simões\*

**RESUMO:** Focando a escrita de Valdelice Pinheiro, o texto é organizado em dois aspectos: da produção da fala, como linguagens múltiplas; da rede de imagens, no processo da construção identitária acrescentadora da cultura local. Os dois pontos evidenciam as formas de escrita do eu da intelectual itabunense e as marcas da sua diferença no espaço do patrimônio cultural sul-baiano. Conclui ressaltando a sua fala como diferenciadora da cultura local e, pela diferença, suscitadora de um interesse turístico global.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diferença, linguagens múltiplas, imagens.

**ABSTRACT:** Focusing on Valdelice Pinheiro's writing, the text is organised into two aspects: the speaking process as multiple languages; the image net in the process of constructing an identity that adds to the local culture. The two aspects highlight the ways of writing of this intellectual writer from Itabuna and the marks of its difference in the space of the cultural patrimony of the south of Bahia. It concludes highlighting her speaking as the unique aspect of the local culture and, through difference, aspects of cause of a global turistic interest.

**KEYWORDS:** Difference, multiple languages, images.

### Introdução

No âmbito das discussões sobre a escrita literária, o contexto globalizado exige, hoje, a necessidade de intensificar discussões entre literaturas e saberes, também quando se trata de escritas do eu. Em relação a essa forma de comunicar, é acrescentada a proposta de pensar, ainda, o texto literário como estratégia de resistência à espetacularização da cultura, como agente provocador de fluxos.

---

\* Professora doutora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) – Ilhéus (BA).

Se o intelectual é a obra, conforme afirma Adriana Pérsico (1998), quero observar o seu papel como mediadora, suscitadora de deslocamentos, de trânsitos entre diferentes esferas culturais, sociais e políticas. Busco refletir sobre a sua relação com o interesse de leitores, intelectuais de espaços outros, especialmente os dos grandes centros urbanos (Simões, 2002). Para esse tipo de mediação, enfatizo a diferença como elemento de produção de valores identitários locais (Hall, 2001).

Com base nessa proposição, tomo como foco a escrita realizada por Valdelice Soares Pinheiro que, por sua singularidade, contribui para a diferença cultural da região sul-baiana – rica em expressões literárias e potencializadora de trânsitos turísticos.

Para essas considerações, organizo o texto em dois focos: da produção da fala, como linguagens múltiplas; da rede de imagens, no processo de construção identitária acrescentadora da cultura local. Com isso, pretendo evidenciar as formas de escrita do eu da escritora, e as marcas da sua diferença no espaço do patrimônio cultural sul-baiano. Concluo procurando apontar a possível ação da sua obra como agenciadora para um turismo cultural na referida região, por meio de textos que se destacam e apontam diferença e, por isso mesmo, são provocadores de um interesse turístico global. Quero com isso fazer aquele exercício que Beatriz Sarlo (1997, p.181) refere quando trata do intelectual: “incorporar a arte à reflexão sobre a cultura”.

Como se pode depreender de minhas palavras iniciais, trato a literatura como bem simbólico cultural, assinaladora de diferença e suscitadora de trânsitos. As escritas do eu são aqui representadas por tipo de linguagem poética, filosófica e pictórica.

## A produção da fala

Começo questionando: em formas de escritas do eu, como ocorre a liberdade autoral na escolha dessa ou daquela expressão, frase, versão? Podemos, nós leitores, pre-

cisar a intenção autoral? E quanto a manuscritos literários: qual a intenção autoral se temos duas ou mais versões de um mesmo texto? Por que a reescrita de um mesmo texto? A resposta seria: a busca da perfeição poética, a procura da melhor palavra?

Procurando refletir sobre tal questionamento, reporto-me à concepção de escrita de Valdelice Soares Pinheiro, itabunense, falecida em 1993, que deixou um espólio de manuscritos inéditos, sobre os quais tenho me debruçado. Valdelice Pinheiro transitou em meios culturais vários, como agricultora, poeta, filósofa e professora (Estética e Ontologia). Realizou a sua escrita por meio de linguagem múltipla, reveladora de tantos papéis sociais da sua atuação, em temporalidades e espaços diversos, no curso do acontecer da nação grapiúna. Pelas vivências que experienciou e trânsitos de escrita que realizou, é aqui tomada como um exemplo.

Em vida, a poetisa e filósofa chegou a publicar dois livros de poesia (*De dentro de mim* e *Pacto*), um filosófico (*Ser e evolução*), textos auto-reflexivos, incluindo seu processo artístico (*Retomada*) e muitos rabiscos e desenhos (exposição organizada por Nádia Fialho); além disso, também publicou crônicas, em jornais locais. Entretanto, o substancial da sua produção ficou inédito, um legado que está sendo resgatado.

A fala da intelectual Valdelice Pinheiro, como linguagens múltiplas, é produzida, indisciplinadamente, no espaço de textos poéticos (poemas, prosa poética), textos filosóficos, textos auto-reflexivos e desenhos, rabiscos, fotografias.

A própria poetisa fala sobre a sua poesia: “é simples, toda nascida de uma linguagem cotidiana, sem rebuscos. Por isso o povo gosta dela, embora às vezes o sentido de alguns poemas seja até metafísico. Acho que se se entende a palavra, sente-se o conteúdo do poema” (Pinheiro, 1984, p.135). Super-realistas, para ela, artistas são aqueles que vêem “a explosão de uma semente e ouvem uma flor se abrir”; “o poeta, como o filósofo, é esse micróbio

que conhece as entranhas”; “Só pode haver criação sobre uma existência anterior”, diz ela.

Auto-reflexões sobre o processo criador denunciam a filósofa que existe em Valdelice Pinheiro. O texto “Retomada” (ibidem, p.131-5) é um exercício de reflexão sobre o processo criador. Entretanto, sobre esse assunto, há, além do publicado, farto material inédito. Em verdade, ela se ocupa do processo simultaneamente ao seu fazer poético, em retro-reflexão, parece. Esses escritos de auto-interpretação são explicativos do seu fazer poético e podem ser tomados como uma proposta de teoria da poesia. Para a poetisa-filósofa, escrever é libertar-se. Nesse instante, “a voz tira a lógica, o juízo, desregula o comportamento do vocabulário” (ibidem, p.134). Assim nasce o poema: “Se a carambola/ tivesse dedos/ tocara Mozart,/ certamente”.

Já como resultado da recolha dos manuscritos inéditos, foi publicado o livro *Expressão poética de Valdelice Pinheiro*, que contou com o apoio do CNPq (Simões, 2002). No trato dos manuscritos, rapidamente pode ser constatado o processo de reelaboração da poetisa.



Figura 1 – Rabisco e texto poético – Linguagens de Valdelice Pinheiro. Fonte: Simões (2002, p.78).

Tal processo pode ser verificado, ainda, nas versões encontradas de um mesmo texto, fato indicador de vários tempo-espacos enunciativos. Poemas há que chegam a apresentar nove versões. Simultâneas ao seu fazer poético, os textos de auto-interpretação nascem do silêncio de uma voz interior impulsionadora, como ela afirma, não “a simples voz, um som emitido pela competência do aparelho fonador, mas a Voz, a VOZ [...] silêncio que chega aflito, precisando do grito, tem que inventar o som...” (Pinheiro, 1984, p.136). O processo de surgimento do poema passa pela fase do que chama de “mundo das idéias”, fase essa expressada por meio de rabiscos, de desenhos.

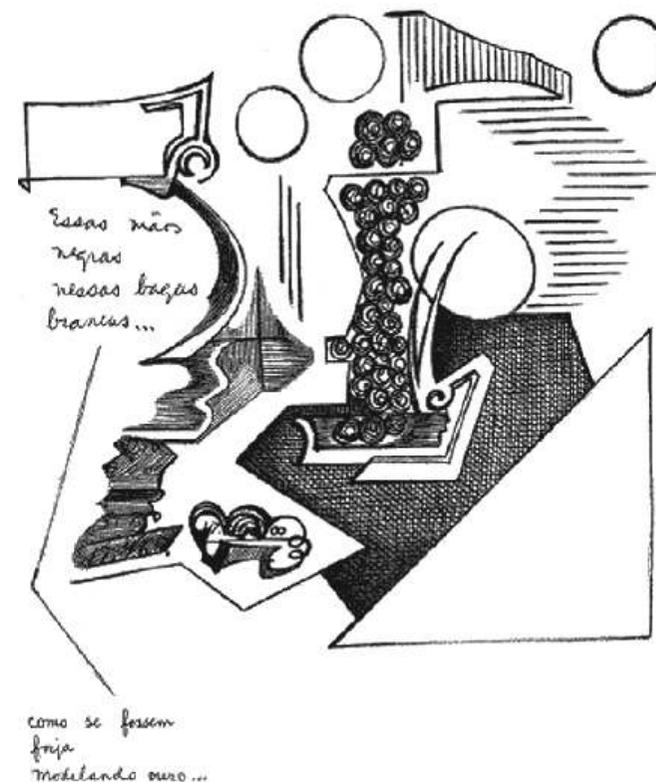


Figura 2 – Rabiscos e texto poético – Linguagens de Valdelice Pinheiro. Fonte: Simões (2002, p.64).

São retas, curvas, espirais que dão surgimento a inesperadas formas e, em seguida, ao poema. Por vezes, as linguagens são tão imbricadas que, mesmo querendo, é impossível separá-las.



Figura 3 – Rabisco e texto poético – Linguagens de Valdelice Pinheiro. Fonte: Simões (2002, p.116).

Eminentemente filosófica desde o seu processo de enunciação até a concretude da sua formulação, muitas vezes, ao processo de produção antecede uma reflexão filosófica.

As múltiplas linguagens são acrescentadas da reelaboração temática, quando um mesmo tema se reescreve em linguagens diversas: filosófica, prosa poética, poesia, desenho. Textos filosóficos são verdadeiras matrizes de poemas ou de prosas poéticas, como é fácil de ser observado nos exemplos que seguem (Simões, 2002, p.36-7):

#### Texto filosófico:

No começo não era o caos, o nada, mas a Unidade, a Perfeição, a ordem absoluta no Todo, no Em Si (primordial), eterno.

A Perfeição absoluta explode. E a explosão é do espírito, da consciência, para criar-se a si mesma.

Deus, portanto, essa Existência Anterior, não criou do nada, mas CRIA de si mesmo, explodido. Criar é explodir-se no Ser.

#### Texto poético: Poema da criação

Nada existia.

Uno e só,

o Em Si

pulsa, pulsa...

Como um infinito

Óvulo maduro.

O Em Si

não se basta.

E no milagre

de seu próprio

encontro

algo estremece e abala

a Eternidade:

o Em Si fecunda-se.

E por se fecundar,

explode-se.

E cria.

Nasce a Existência,

o átomo que se anima.

E na Existência

o tempo.

E no tempo

o homem.

O Em Si

se expressa.

E a Existência

o cria.

Ou prosa poética:

### História da criação

O Em-Si era um solitário dorminhoco, prisioneiro do infinito, da Eternidade. Chamava-se Ser. “Um dia”, em-si-triste, em-si-zangado, em-si-prenhe e amadurecido em seu próprio ovo e em seu próprio ventre, explode-se, rompe-se, pare. E cria! E em criando-se, cria-se! Revela-se então amor e liberdade. Liberta-se. Liberta-se nas asas do finito, na animação vital do tempo-espaço. E só então chama-se Deus.

### A rede de imagens

No processo de construção identitária, a rede de imagens é acrescentadora da cultura sul-baiana. As vivências de Valdelice (ligada ao campo e às roças de cacau) substanciam-na. O repertório que utiliza denuncia a sua objeção ao mando, às desigualdades sociais próprios do contexto grapiúna, da conquista das terras do cacau, do desbravar das matas, do mando dos coronéis, do poder do mais forte.

Os campos semânticos são povoados por um repertório denunciador de uma vivência ligada ao simples, ao campo, a uma época, um lugar: “Ah, minha infância tropical, brasileira, comendo jaca e mamão, chupando cajá e tangerina, descobrindo o mel no favo, conhecendo as abelhas!” (in Simões, 2002, p.48).

Embora os seus escritos sejam, todos eles, perpassados pelo olhar voltado para o existencial, esse foco é nuançado em blocos temáticos: tratam de liberdade, amor, desigualdade social, inadaptação à vida; falam de natureza e existência metafísica.

A angústia que a sufoca é forma de estar e sentir o mundo. Ela lida com a realidade com sensibilidade e olhar crítico, próprios de quem redimensiona o vivido mediante a experiência poética. A referida postura reflexiva da sua obra – sobre o mundo, sobre a vida – não se limita a um olhar do imediato e objetivo, “mas o aí em relação ao aqui, ao cá dentro, sujeito modificador do mundo”, como ela mesma afirma.

As suas imagens (em palavras ou desenhos) são trazidas da memória de quem vivenciou o campo, o simples, a terra:

Os vaga-lumes desta noite  
iluminam minha noite  
e me emprestam  
sua luz e suas asas.  
Então, feliz,  
a estrada clareada,  
eu vou te ver.

A sua fala anuncia e denuncia a riqueza da miscigenação e da multiculturalidade regionais, como no poema “Canto brasileiro” (Pinheiro, 2000):

Pego-me aos pedaços. Quinhentos anos  
estranhos desfiguram minha face negra,  
meus dedos índios. Por que estes dedos  
gorduchos se eu nunca fui barroca? Por que  
esta lágrima de Pietá, se meu  
centro é a fecundidade de minha barriga, a  
ligeireza de meus pés?

Restauro-me. Meus dedos de pontas  
Achatadas voltam ao rústico bambu de  
flautas indizíveis e batem, com a graça do  
braço engajando o corpo, doces berimbaus.

Faço minha dança no momento do golpe –  
me defendo -e canto para espantar os maus  
espíritos. Se cantar vale por rezar duas  
vezes, isto fica por conta do próprio canto.

Restaurando-me, cresço.  
Crio detalhes que se liberam de minha mente  
e de minhas mãos.  
Sou da idade de meus príncipes  
negros,  
jovem como meus guerreiros  
tupiniquins.

## Conclusão

A relevância da literatura sul-baiana tem provocado a sua exploração pelo turismo que, muitas vezes de forma equivocada, coloca a cultura a serviço do marketing, comprometendo a identidade regional, corrompendo o bem simbólico, o patrimônio cultural local.

É bem verdade a evidência hoje do mercado como paradigma de múltiplas liberdades. Sobre isso, cabe aqui a pergunta que faz Beatriz Sarlo (1997, p.152), quando fala sobre a cultura na Argentina: “existe outro lugar, além do mercado, onde se possa pensar a instituição de valores?”. E, no mesmo texto, Sarlo ainda observa que

a liberdade de fruição dos diferentes níveis culturais como possibilidade aberta a todos (mas não escolhida por todos) depende de duas forças: estados que intervenham equilibrando o mercado, cuja estética denuncia um compromisso com o lucro; e uma crítica cultural que possa livrar-se do duplo isolamento da celebração neopopulista do existente e dos preconceitos elitistas que solapam a possibilidade de articular uma perspectiva democrática. (ibidem, p.182)

Sabemos que as possibilidades de legitimação se multiplicam. Concordo que as políticas culturais que orientam as ações de valorização, discussão, apoio à circulação dos bens culturais têm atenção à demanda do mercado, sim. No entanto, penso a ação intelectual, transitando a cultura por meio da arte.

Creio que, assim, é possível admitir a possibilidade de uma ação intelectual contribuidora para o desenvolvimento cultural sustentável. Isso, por meio de discursos que se articulem, construindo o lugar, provocando outras reflexões, promovendo trânsitos, realizando trocas culturais, promovendo o respeito ao/do outro.

Como visto, a escrita de Valdelice Pinheiro revela a sua forma de comunicar, compondo um processo artístico que ultrapassa a palavra para uma comunicabilidade, também, visual. A sua expressão é um exemplo de que, nesses

tempos, as escritas do eu não se limitam à palavra, mas são expressas também por outras linguagens; reportam-se a toda uma concepção artística comunicadora, que faz o diferencial de uma produção e seduz o leitor. A singularidade da sua expressão certamente atrairá leitores curiosos em re-conhecer, por exemplo, o Rio Cachoeira, ou a cultura do cacau.

As marcas da região sul-baiana, presentes na obra de Valdelice Pinheiro, são referenciais. Porém, mais que ser espaço de referências, ela própria, a sua obra, como cultura, contribui para a diferença que faz a multiplicidade e a riqueza grapiúnas. O discurso que veicula é de resistência, na medida em que não se submete; é emancipatório, por sua capacidade de ação sobre o leitor. São escritas do eu, em várias linguagens que conversam entre si e traduzem as suas vozes: poética, filosófica, plástica. Contida nelas, é visualizado o espaço cultural, simbólico.

Se as marcas de uma cidade passam pelo olhar multifocal (Canclini, 1977), os bens simbólicos de um espaço, por sua vez, ressaltam o cenário cultural. A divulgação das expressões de escrita, por meio da sua literatura, sem dúvida dá visibilidade e valoriza o estético. Mas também, parece-me uma forma possível de contribuição para reflexão sobre saberes e fazeres locais, provocadores de trânsitos turísticos. A ação da fala que transita junto aos leitores, intelectuais de alhures – que chegam de espaços outros –, além de evidenciar a nossa diferença, certamente será um dos meios de respeito à cultura local.

## Referências

- CANCLINI, Nestor García. *Imaginários urbanos*. Buenos Aires: Eudeba, 1997.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira Louro. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- PÉRSICO, Adriana R. Intelectuales hoy: ni anfitriones ni turistas. In: ANTELO, Raul et al. *Declínio da arte/Ascensão da cultura*. Florianópolis: Abrialic/ Letras Contemporâneas, 1998. p.71-8.

PINHEIRO, Valdelice. Retomada. *Revista FESPI*, Ilhéus, p.131-5, 1984.

———. *Restauração – um canto brasileiro*. Ilhéus: Editus, 2000.

POEMA de Folha Solta, Projeto Inéditos Valdelice Pinheiro. Coord. de Maria de Lourdes Netto Simões.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. De leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Abralic, Belo Horizonte, n.6, p.177-84, 2002.

## A escritura da memória como fundamento identitário do eu

Carlos Eduardo Japiassú de Queiroz\*

**RESUMO:** Este trabalho divide-se em duas partes que se intercomplementam. Na primeira, de âmbito teórico-filosófico, enfoca-se o tema da memória, abordando-a como fundamento da identidade do sujeito. O mergulho no “tempo passado” como doação de sentido à subjetividade. A segunda parte tomará a forma de um relato memorial, realizando no plano do discurso literário a proposição teórica antes referida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tempo, memória, identidade.

**ABSTRACT:** This work is divided in two parts that if Inter-complement. In the first one, of theoretician-philosophical scope, the subject of the memory is focused, approaching it while bedding of the identity of the citizen. The diving in the “last time” as felt donation of to the subjectivity. The second part will take the form of a memorial story, carrying through in the plan of the literary speech the theoretical proposal before related.

**KEYWORDS:** Time, memory, identity.

Iniciaremos este trabalho com uma assertiva axiomática: se há algo que na existência do homem pode ser contemplado com a qualidade da permanência, esse algo é a faculdade da memória. Porém, uma permanência não do que é, e sim do que passa, do que fica e do que resta na passagem do tempo.

Atribuiríamos, portanto, à memória o princípio da unidade e continuidade do ser, base da personalidade individual (assim como a tradição pode ser considerada a base da personalidade coletiva), ou seja, o princípio integrador por meio do qual o indivíduo se esforçaria em perseverar em seu ser.

---

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Recife (PE).